

A4

A4 é um A4 em qualquer lugar

# A4 como equivalente de uma folha de papel. Espaço virtual como reprodução do analógico.

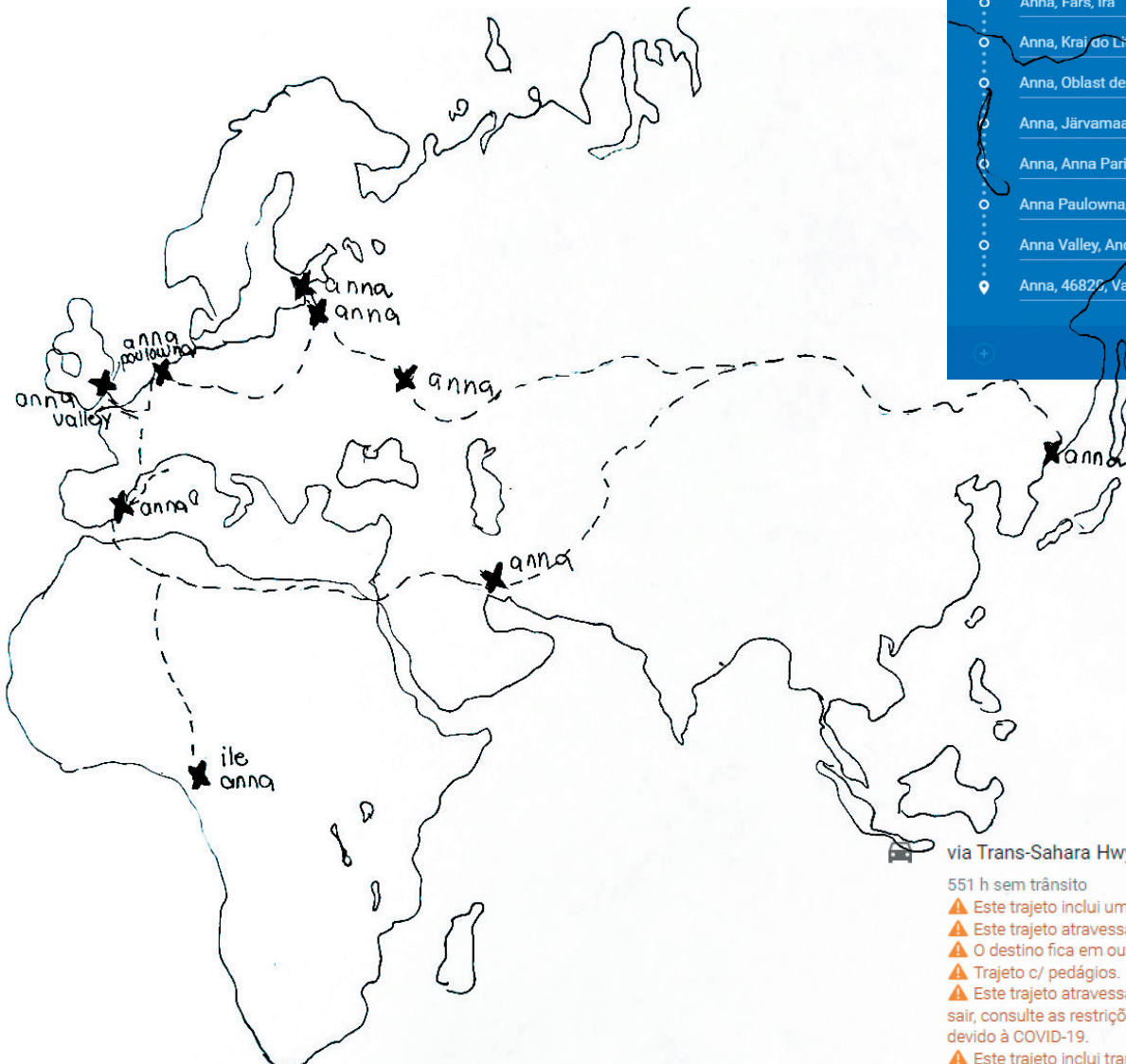
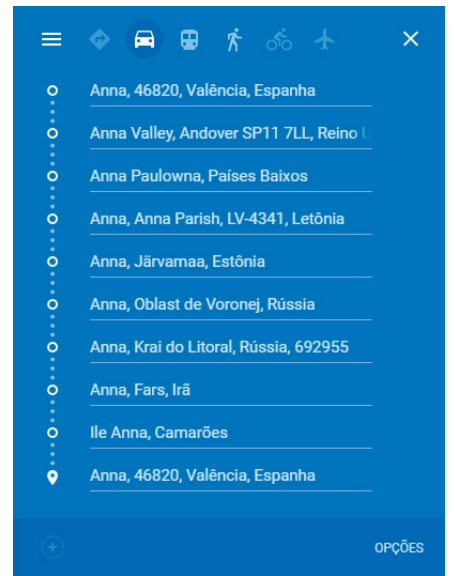
Estou escrevendo isso no Microsoft Word, onde a tela foi configurada para simular um pedaço de papel. E não qualquer pedaço de papel: o tamanho da página na tela é familiar. É o tamanho de uma página A4: o tamanho que a minha impressora imprime, o tamanho da resma de papel para impressão barata que posso comprar no supermercado, o tamanho reconhecido por todas as fotocopiadoras, *scanners* e instituições na maior parte do mundo. É a página padrão para impressão, o espaço virtual (que claramente copia o analógico) e que abrimos e olhamos todas as vezes que sentamos para escrever. É tão comum, que nem mesmo sei se reconhecemos o A4 como um formato, uma escolha de tamanho entre outros possíveis. O A4 é a definição de um pedaço de papel.

(Kate BRIGGS. *7 notas sobre o papel*. Transluciferado por Dani Castro e Fran Favero do original *Notes on paper* publicado no Catálogo da Exposição *Reading as Art*, um projeto de Simon Morris para o Bury Museum & Sculpture Center, York, Inglaterra, 2006. O texto na íntegra está disponível na edição 8 da Hay em Português: [http://www.plataformaparentesis.com/site/hay\\_en\\_portugues/files/hay\\_oito\\_online.pdf](http://www.plataformaparentesis.com/site/hay_en_portugues/files/hay_oito_online.pdf)





Google.egotrip



via Trans-Sahara Hwy/N1 551 h

551 h sem trânsito 42.337 km

- ⚠ Este trajeto inclui uma balsa.
- ⚠ Este trajeto atravessa diversos países.
- ⚠ O destino fica em outro fuso horário.
- ⚠ Trajeto c/ pedágios.
- ⚠ Este trajeto atravessa diversos países. Antes de sair, consulte as restrições de fronteira impostas devido à COVID-19.
- ⚠ Este trajeto inclui transporte de trem para carros.
- ⚠ Este trajeto atravessa o(a) France. Antes de sair, consulte as restrições de fronteira impostas devido à COVID-19.



DOIS HOMENS

tinha ido longe demais

luta masculina

dei conta

no pátio

violência física

me informou

- troca de flores -

o que aconteceu  
ra

institucionalmente  
ameaçadora

significação  
simbólica

O DIRETOR

dessa vez

me defender

me interrompeu

responsabilizado



## COMPOSIÇÃO



Cada gesto contém: 0,4 mg de ímpeto e 140 mg de incerteza, ou seja, 4,5 mg de imprecisão por ação. Trabalho constituído de: friccionar, empurrar, amassar, espremer, compactar, arruinar, fracassar, perder, afastar, observar, mensurar e tatear.

---

## 6 - COMO DEVO USAR ESTE PROCEDIMENTO?

Esta anotação/enunciado é de uso oral. É apresentado na forma de um bloco de texto de 91 palavras. O limite máximo de uso diário é de 10 repetições. O uso do procedimento por períodos superiores a duas ou três semanas, deve ser feita com o devido acompanhamento de outro corpo/voz. Este procedimento não deve ser partido, aberto ou mastigado. Siga corretamente suas orientações: entoe em voz alta a vogal: O; em seguida pressione com a mão esquerda o seu pescoço, aperte e solte...

---

<p><b>Figura 1:</b> Coloque o frasco na posição vertical com a tampa para o lado de cima, gire-a até romper o lacre.</p>	
<p><b>Figura 2:</b> Vire o frasco com o conta-gotas para o lado de baixo e bata levemente com o dedo no fundo do frasco para iniciar o gotejamento. <b>Cada 1 mL = 30 gotas.</b></p>	

*Enquanto o chá de cravo, canela, gengibre e noz moscada esfria lembremos que no inglês, o verbo “adjunct” resulta em “as sociedades-plantações no Caribe surgem adjuntas à sociedade de mercado.” Mas estamos escrevendo nesse hoje pandêmico, com um miliciano na presidência chamando genocídio de “falta de cloroquina” e chacina de “operação policial no Jacarezinho”. Optei por usar “as sociedades-plantações do Caribe surgem como prótese da sociedade de mercado; seus povos emergem como prótese da monocultura da cana de açúcar, que eles mesmos produziam. “Prótese” sugere, já em sua imagem, a colisão violenta do interesse econômico europeu contra outros povos, outras ecologias e cosmogonias. Ataque chamado de acidente; invasão apelidada de chegada na maré baixa. Um acidente em vigor há cinco séculos. Prótese sugere artificialidade e dor. Prótese sugere atualização das tecnologias de artificialidade e de dor. Prótese descortina a barbárie como exercício de construção de contextos para justificar a violência epistemológica, ecológica e corpórea. História. Noz moscada, dizem, é bom pra clarividência. O chá não precisa de açúcar.*

Sylvia Wynter e Daniela Castro em  
leituraconversatradução de *Novel and History,  
Plot and Plantation*, 1971-2021

Impressão fine art aplicada em metacrilato, 165x110cm, preto e branco:

Costa, areia branca, água cristalina, sulcos nas terras vermelhas do sertão rural de topografia lisa e pouco acidentada, corpos diaspóricos, homens negros com cenho franzido pela força que exercem ao machadar a terra, monocultura, sementes, mulheres negras agacham-se com o corpo dobrado pela engrenagem do quadril e virilha, cana de açúcar, prótese linguística, matar por imersão, sociedades-plantações, prótese da sociedade de mercado, pessoas-plantações, prótese da monocultura que elas mesmo produziam, violência epistemológica, violência espiritual, violência do assalto, violência do trauma, segredos, estupro, política pública de branqueamento, crianças correm e brincam e colhem com mãos negras, estupro oficial, tortura, ficção, história-barbárie, império império imperativo político, golpe de estado, Guatemala, Brasil, Chile, Argentina, origem e tradução, Nicarágua, Equador, Paraguai, Bolívia, Costa Rica, o entre-lugar, o não lugar, simulacro, cópia, El Salvador, Uruguai, Colômbia, Peru, um projeto a ser construído, sustentabilidade, CIA, progresso aventura ruptura escândalo, encanto, entusiasmo, agarrado, acorrentado, Commonwealth, *necrodívida*, *necroperdão*, *necrocrédito*, *necroidentidade*, *necrometrópolis*, necroenredo, ficção, romance, novela, arte como extensão e domínio da economia de mercado, a forma, trabalho infantil, rebelião, revolução, O Autor, morte por imersão, mas autorxs, arte como manifestação e refuta da economia de mercado, sorriso quadrado, punho cerrado e sangue no olho, folhas farfalham monotônicas na harmonia do vento, canas se apóiam, ao cair, não tocam o chão, agronegócios, besouros, grilos, baratas e lobisomem, diferença e bilinguismo, bichos escrotos, antenas de TV e antenas de rato, cinto de alho e pingente de cruz de madeira pra não levar filho embora, mau hálito, mau hábito, CANALHAS CANALHAS CANALHAS, mil e uma noites pra te salvar do estupro, os usos da raiva, fio narrativo, fio da navalha, arte verbal, arte escrita, grifos, ficção escrita, história destra, texto canhoto, escritxs, realidade deformada, realidade reformada, arquiteturas e externalidades.

*Prólogo, por Silvano Santiago e Daniela Castro:*

*Portanto, a leitura em lugar de tranquilizar a leitora, de garantir seu lugar de cliente pagante na sociedade burguesa, a desperta, transforma-a, radicaliza-a e serve finalmente para acelerar o processo de expressão da própria experiência. Em outras palavras, ela a convida a práxis.*

*a Barthes, com amor: que textos eu aceitaria escrever (reescrever), desejar, afirmar como uma força neste mundo que é o meu?*

Mar sonoro,  
mar sem fundo, mar  
sem fim, A tua beleza  
aumenta quando estamos sós  
E tão fundo intimamente  
voz Segue o mais secreto  
bailar do meu sonho,  
Que momentos há em  
eu suponho Seres um  
criado só milagre  
para mim.

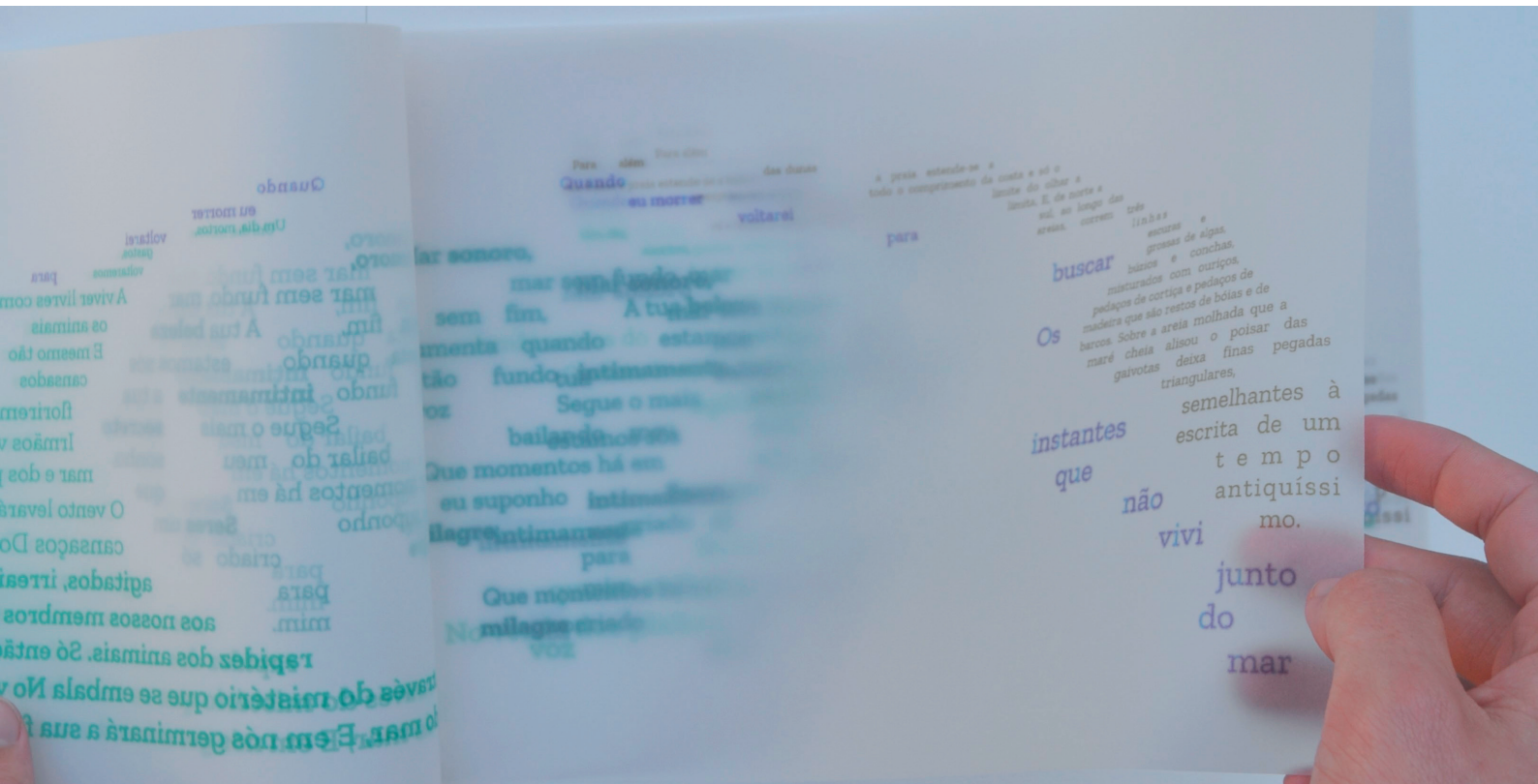
Mar sonoro,

mar sem fundo, mar  
sem fim, A tua beleza  
aumenta quando estamos sós  
E tão fundo intimamente a tua  
voz Segue o mais secreto floriremos  
bailar do meu sonho, Irmãos vivos do  
Que momentos há em que mar e dos pinhais.  
eu suponho Seres um O vento levará os mil instantes  
criado só milagre cansaços Dos gestos que  
para mim. agitados, irrealis, E há-de voltar  
aos nossos membros lassos A leve  
rapidez dos animais. Só então poderemos caminhar  
Através do mistério que se embala No verde dos pinhais, na  
voz do mar, E em nós germinará a sua fala.

Um dia mortos,  
gestos,  
vontades  
A viver livre  
os animais  
E mesmo  
cansados  
floreiros  
Irmãos vivos do  
mar e dos pinhais.  
O vento levará os mil  
cansaços Dos gestos  
agitados, irreais, E há-de voltar  
aos nossos membros lassos A leve  
rapidez dos animais. Só então poderemos caminhar  
Através do mistério que se embala No verde dos pinhais, na  
voz do mar, E em nós germinará a sua fala.

Quando  
su morrer  
Um dia, mortos,  
voltarei  
gestos,  
voltaremos  
para  
A viver livres como  
os animais  
E mesmo tão  
cansados  
floriremos  
Irmãos vivos do  
mar e dos pinhais.  
O vento levará os mil  
cansaços Dos gestos  
agitados, irreais, E há-de voltar  
aos nossos membros lassos A leve  
rapidez dos animais. Só então poderemos caminhar  
Através do mistério que se embala No verde dos pinhais, na  
voz do mar, E em nós germinará a sua fala.





Quando

Quando

a praia estende-se a  
todo o comprimento da costa e só o  
limite do sul e  
linda. E de norte a  
sul, em longo das  
areias, correm três

buscar

Os

instantes  
que

não  
vivi

junto  
do  
mar

semelhantes à  
escrita de um  
tempo  
antiquíssi-  
mo.

linhas  
grossas de algas,  
búzios e conchas,  
misturados com curiços,  
pedaços de cortiça e pedaços de  
madeira que são restos de bóias e de  
barcos. Sobre a areia molhada que a  
maré cheia alisou o poisar das  
gaivotas deixa finas pegadas  
triangulares.

sem fim.  
A tua  
quando  
tão fundo  
Segue o mar

Que momentos há em  
eu suponho  
ilagre

Que momentos há em  
No milagre

Quando  
em morrer  
Un dia  
volar  
para  
A viver livres com  
os animais  
E mesmo tão  
cançadas  
florirem  
irmãos v  
mar e dos  
O vento levará  
canções do  
agitadas, irrita  
aos nossos membros  
rpidez dos animais. Só entã  
através do mistério que se empalpa No  
o mar. E em nós germinará a sua

Quando  
 Para além  
 das dunas à praia estende-se a todo o comprimento da costa e ad o limite do olhar a linha. E de norte a sul, ao longo das areias, correm três linhas escuras e grossas de algas, brisas e conchas, misturados com ouriços, pedaços de cortiça e pedaços de madeira que são restos de bóias e outros objetos. A areia molhada que a maré alisou o poisar das garvoas deixa finas pegadas triangulares, semelhantes à

mar sem fim, mar sem fundo, aumenta quando estamos sós sem fim, tão fundo, intimamente, a tua beleza aumenta quando estamos sós, voz tua, segue o mais secreto sonho, bailando meu segredo, que momentos há em que eu suponho intimamente seres um a tua escrita segue o mais secreto milagre, intimamente criado só para bailar do meu sonho, que momentos há em que eu suponho milagre criado só para mim.

Para além  
 das dunas à praia estende-se a todo o comprimento da costa e ad o limite do olhar a linha. E de norte a sul, ao longo das areias, correm três linhas escuras e grossas de algas, brisas e conchas, misturados com ouriços, pedaços de cortiça e pedaços de madeira que são restos de bóias e outros objetos. A areia molhada que a maré alisou o poisar das garvoas deixa finas pegadas triangulares, semelhantes à

mar sem fim, mar sem fundo, aumenta quando estamos sós sem fim, tão fundo, intimamente, a tua beleza aumenta quando estamos sós, voz tua, segue o mais secreto sonho, bailando meu segredo, que momentos há em que eu suponho intimamente seres um a tua escrita segue o mais secreto milagre, intimamente criado só para bailar do meu sonho, que momentos há em que eu suponho milagre criado só para mim.

de um tempo  
 antiquíssim



Para além das dunas  
Quando eu morrer  
Um dia, mortos,  
Mar sonoro,  
mar sem fundo,  
mar sem fim,  
beleza aumenta  
quando  
tua  
estamos sós  
intimamente  
intimamente  
milagre criado  
VOZ mim.

Para além das dunas  
Quando eu morrer  
Um dia, mortos,  
Mar sonoro,  
mar sem fundo,  
mar sem fim,  
beleza aumenta  
quando  
tua  
estamos sós  
intimamente  
intimamente  
milagre criado  
VOZ mim.

a praia estende-se a costa e só o  
todo o comprimento da costa e só o  
limite do olhar a  
limita. E de norte a  
sul, ao longo das  
areias, correm três  
linhas  
escuras e  
grossas de algas,  
brietas e conchas,  
misturadas com ouriços,  
pedaços de cortiça e pedaços de  
madeira que são restos de bóias e de  
barcos. Sobre a areia molhada que a  
maré cheia alisou o poisar das  
gaivotas deixa finas pegadas  
triangulares,  
vivi  
semelhantes à  
escrita de um  
de um tempo  
tempo  
antiquíssimo.  
mo.

busca  
instantes  
vivi  
junto  
do  
mar



Para além  
Quando  
Um dia  
mar sem fundo  
mar sem fim  
peleza aumentada  
Segre o mar  
estamos sós  
momentos há em  
intimamente  
Que momentos há em que eu suponho  
para

Para além Para além  
das dunas a praia estende-se a todo o comprimento da costa e só o limite do olhar a limita. E de norte a sul, ao longo das areias, correm três linhas escuras, de algas, búzios e conchas, misturados com ouriços, pedaços de cortiça e madeira que são restos de bóias e anzóis e conchas, grossas de algas, misturados com ouriços, pedaços de cortiça e sobre a areia molhada que são restos de bóias e de gaivotas deixa finas pegadas de maré cheia alisou o poisar das gaivotas deixa finas pegadas triangulares, semelhantes à escrita de um tempo antiquíssimo. **vivi junto**

Quando  
mar sonoro  
para  
de barcos.  
cheia  
pegadas  
Os  
que  
semelhantes  
não  
escrita  
do  
mar  
antiquíssimo.

Quando

Um dia,

mortos,

só o limite do olhar a limita

Mar **sonoro**

pegadas

**intimamente**

VOZ  
VOZ

escrita

vivi  
junto  
de um  
tempo

Hoje despertei às 4 da manhã, eu havia amanhecido, mas o dia não havia. Eu tinha uma palavra na boca do estômago, uma letra desencontrada na palma do pé e outra encontrada na sola da mão. Eram as palavras do meu corpo que me amanheciam.

O beco das palavras no labirinto dos miolos

Um profundo sopro impulsionado pelo diafragma à borda do nariz. Meus pulmões como árvores, vento encanando nos túneis escuros do esôfago.

Handwritten notes and symbols scattered across the page, including:

- Small circles and dots
- Letters: R, S, A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z
- Numbers: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50
- Other symbols: ~, ^, &, %, \*, +, -, =, <, >, <math>f(x)</math>, <math>g(x)</math>, <math>h(x)</math>, <math>i(x)</math>, <math>j(x)</math>, <math>k(x)</math>, <math>l(x)</math>, <math>m(x)</math>, <math>n(x)</math>, <math>o(x)</math>, <math>p(x)</math>, <math>q(x)</math>, <math>r(x)</math>, <math>s(x)</math>, <math>t(x)</math>, <math>u(x)</math>, <math>v(x)</math>, <math>w(x)</math>, <math>x(x)</math>, <math>y(x)</math>, <math>z(x)</math>

Nas dobras dos miolos eu procurei uma palavra encoberta por outra, desdobrei cada volta procurando um traço da palavra escondida, um pedaço de letra, um acento. Dessa vez a palavra que meu corpo me oferecia estava no cérebro, velada, jogo de esconde-esconde. Afinal, onde ficam guardadas as palavras antes de serem pensadas ou pronunciadas?



Massa cinzenta, nevoeiro elétrico dos sentidos. A palavra caiu pelo ouvido e repousou no travesseiro. A palavra escorreu pela parede ao lado da cama e ligou o chão ao teto, acendeu a lâmpada, conectou o corredor ao banheiro, atravessou a sala e bebeu um copo de água na cozinha. Um pássaro sumiu nas nuvens. Um vento encanado vindo de fora.

As palavras dormiriam como morcegos, penduradas de cabeça para baixo no vazio do ouvido, à espera do espanto da pronúncia? Atravessavam as fossas de saliva até a raiz da língua. Sopravam pela boca suspensa no fundo infinito das palavras.

Cara, que saco, né? Eu acordei aqui e tava pensando... de que adianta morar no litoral, em uma ilha, se faz frio 80% do ano? Diferentemente de outros dias, hoje abriu um solzinho aqui, e o dia até que tá bonito, mas ainda frio. Sol e 22 graus, eu acho uma bosta. Escovei os dentes, peguei dois livros – “meus desacontecimentos”, de Eliane Brum, e “Minha Madrid”, de Pedro Franz –, boleei um beck, peguei uma garrafa de água, peguei meu par de chinelos, coloquei a máscara que mamãe fez e mandou de Londrina pra mim e saí de casa. Passei no mercadinho da esquina, que tem o nome mais engraçado possível, um não sei quê minimarket (sempre dou risada porque não é um mercadinho, é um minimarket; a diferença eu não sei, só sei que fica ridículo). Bem, entrei lá e comprei um maço de Winston vermelho, que atrás tinha um aviso pra parar de fumar que dizia “VOCÊ BROCHA / ESTE PRODUTO CAUSA IMPOTÊNCIA SEXUAL”. Fiquei pensando... Ah, e comprei também uma água de coco – começo de mês, a bolsa caiu, sabe como é, né? Já equipado com tudo que precisava, fui até a Lagoinha Pequena (por favor, não confundir com Lagoinha do Leste ou Lagoinha do Norte). Eu moro ao lado dela, a uns 10 minutinhos a pé, num passo gostoso, tranquilo e sem pressa. Gosto muito da Lagoinha, pois ela me lembra dois dos meus lugares favoritos na Ilha a que deixei de ir desde que a pandemia começou: a Lagoa do Peri e a Praia da Daniela. Gosto desses lugares porque eles são calmos, tranquilos (frequentados por crianças, idosos e animais) e porque eu não sei nadar! Não, eu não sei nadar, e todo mundo me zoa por isso aqui; sempre que eu falo que não sei nadar, ouço risadas e vozes exageradas: “COMO ASSIM VOCÊ NÃO SABE NADAR?”. Eu não sei como não sei, só sei que não sei; talvez seja porque nasci no interior do Paraná, no sertão do Tibagi, longe de rio e de mar; é, talvez seja. Lembro uma vez que me afoguei no Oceano Atlântico; foi um segundo afogamento, já que o primeiro foi ainda na barriga da minha mãe, em dezembro de 1996, e esse outro foi em dezembro de 2015, em Ipanema, no Rio de Janeiro; foi horrível. Aconteceu durante uma viagem acadêmica da UEL, quando algumas amigas e eu decidimos furar o último dia de programação oficial (deixei de conhecer o Parque Lage para dar essa escapada) e passar um último dia no mar, na véspera do meu aniversário de 19 anos; pegamos o ônibus errado, tivemos que andar de Copacabana até Ipanema, quase fomos assaltados no caminho; quando chegamos à praia, Thais ficou na areia tomando sol, e Katha, Bianca e eu entramos na água; pegamos uma

corrente de retorno (eu nem sabia o que era uma corrente de retorno até então), e as meninas sabiam nadar, mas eu não, então afundei igual uma pilha; no começo, lembro que me desesperei, mas depois fiquei calmo, observei o fundo do mar e aceitei a morte; eu estava em paz, poderia tranquilamente ter morrido naquele momento; estava tudo bem até que alguém me enforcou e começou a me xingar: “FILHA DA PUULTA! DIXXX-GRAÇADO!! CUZÃO DO CARALHO!!!” Lembro que fiquei de cara, e a raiva me tirou a sensação de paz que era a morte iminente: era o salva-vidas brigando comigo; depois, ele explicou que me xingou pra chamar minha atenção, porque eu já tava meio inconsciente; ele me arrastou pra fora do mar e a praia inteira aplaudiu, morri de vergonha; encontramos Thais na areia e ela disse algo como “nossa, gente, acho que alguém se afogou, ouvi uns barulhos aqui!”; eu fiquei quieto e mantive isso em segredo dos outros amigos da faculdade até o final da minha graduação, em janeiro de 2019; tenho um certo medo do mar desde então, só fico no raso e não deixo a água passar da minha cintura. Mas, voltando, a Praia da Daniela, não sei como se chama ou se explica isso, mas o mar da Daniela fica entre a ilha e o continente, então as águas não têm ondas e são mais quentinhas; sinto-me seguro lá. Li esses tempos, em algum lugar, que, com a subida do nível do mar, a Praia da Daniela vai deixar de existir até 2050. Já a Lagoa do Peri é um dos lugares mais gostosos do mundo, parece um paraíso escondido: água doce, quente, rasa, sem onda, sem vento, com peixinhos... é tudo de bom! Gosto de uma história, que ouvi algumas vezes, de que o nome “Lagoa do Peri” é por causa do autor de “O Pequeno Príncipe”, Antoine de Saint-Exupéry; parece que ele vinha para a Ilha de avião e pousava entre o Campeche e a Lagoa, então, de tanto ele pousar, os nativos falavam “ah, a lagoa do Pery”; se é verdade, eu não sei, acho que não, porque esses tempos pesquisei na internet e lá dizia que o nome era por causa de uma planta estranha que tem ali pelas bordas. A Lagoa do Peri serve como um dos principais meios de abastecimento de água do sul da Ilha e passa metade do ano ameaçada pela falta de chuva; todo ano a seca piora, e a Lagoa diminui, e penso que ela também vai deixar de existir em breve. Já a Lagoinha Pequena é tipo uma mini Lagoa do Peri: água doce, mais ou menos quente, rasa e sem onda, porém com um pouco de vento. Gosto muito do nome; a junção de “lagoinha” com “pequena” é de uma redundância absurda, acho fantástico! Às vezes dou risada sozinho, imaginando que ela poderia se chamar Lagoinha Pequeninha. A maioria dos nomes dos bairros aqui da Ilha segue uma lógica do altamente óbvio: tem a Lagoa, daí tem a Barra da Lagoa, daí tem o Canto da Lagoa, daí tem a Costa da Lagoa, e não se pode esquecer do Porto da Lagoa e das Dunas da Lagoa... Por mais engraçado que seja, acho inteligente nomear o que se vê como se vê! Enfim, cheguei na Lagoinha, procurei um lugar vazio e estiquei minha canga; estava pronto pra rosar a quem se aproximasse muito de mim, pois tinha muito lugar vazio (tranquilo para respeitar o distanciamento social). Comecei a ler o “Minha Madrid”, de Pedro Franz; ganhei esse livro da Regina faz uns dias, ela disse que seria bacana eu ler. Postei uma foto de uma página nos *stories* do Instagram; penso nos *stories* como um grande ensaio visual contemporâneo, crio ensaios diferentes todos os dias. Talvez isso seja um trabalho, né? Acho que sim, depois penso nisso. Nessa página que postei, o Pedro dizia que chegou na caixinha do correio um postal sem remetente. Tinha a imagem de uma estátua de um elefante (ou talvez um mamute) com presas enormes, no meio de um jardim. Na parte de trás, vinha escrito, em caneta azul, uma frase de uma música do El Guincho que eu escutava há alguns anos: *quiero que me recuerdes como las primeras veces*. Não consegui imaginar quem poderia ter mandado. Subi as escadas, deitei na cama com o notebook no colo e fiquei vendo, várias vezes seguidas, o clipe no youtube. Assim que postei a foto, Marcos (nome fantasia) respondeu com um tudo pra mim, e eu repliquei com um “tô amando”, e ele disse é um dos últimos que li que mais gostei, e eu disse “ele escreve bem gostosinho, né? dá vontade de escrever gostosinho também”, e Marcos disse sim, super. escreve igual desenha, lindamente, e eu disse “não conheço os desenhos dele”, e Marcos respondeu ele é bem famoso no brasil. nas histórias em quadrinhos. não gosto muito de hq, mas gosto muito das hq dele, e eu disse “boa, vou dar uma pesquisada”. A conversa acabou ali e eu ainda não pesquisei sobre o trabalho do Pedro Franz, talvez eu nem pesquise. Continuei lendo o livro, devorando; nem parecia que eu estava lendo, e sim conversando com ele, até que cheguei a uma grande citação a Alejandro Zambra, dentro do livro, em que ele dizia que o escritor não entendia por que ela estava contando tudo isso, como se não soubesse – e talvez não soubesse mesmo, embora naquele tempo já quisesse ser escritor, e um escritor deveria sabê-lo – que é desse jeito que as pessoas se conhecem, contando coisas que não se contam, despejando palavras alegremente, irresponsavelmente, até chegar a territórios perigosos, a lugares em que as palavras precisam do verniz do silêncio. Fiquei em choque quando li isso. Primeiro, pensei nesse verniz do silêncio...

acho que eu preciso dele de alguma forma; depois, pensei em como deve ser bacana saber usar travessão no texto, acho uma coisa linda! Sempre quis usar, mas sempre me sinto ridículo usando. Saiba que, se por acaso você já leu algum texto meu com travessão, é porque ele passou por revisão e o revisor achou melhor usar, já que eu realmente não sei como usar. Inclusive, se você que está lendo este texto encontrar algum travessão por aqui, saiba que é porque ele também foi revisado; e, se você estiver revisando este texto pra mim, por favor, coloque travessões – como eu disse, acho chique! Tenho um problema grave com acentuação e pontuação e um problema mais grave ainda com matemática. Lembro, como se fosse hoje, de chorar pra professora Kátia Garcia, na 6ª série, por não entender a fórmula de Bhaskara; sério, ela não fazia (e não faz) o menor sentindo pra mim. Eu chorei pra professora, implorando que ela me passasse mais tarefas pra que eu pudesse entender aquilo; ela passou diversos exercícios e tentou exaustivamente me ajudar, mas não funcionou, e até hoje eu não entendo a fórmula. Não sei nem regra de 3, e, por favor, não tente me ensinar, porque eu não vou entender e acho que nem quero, desculpa. Acho muito engraçado que, antes de entrar no curso de Artes Visuais, fiz um semestre completo de Administração na UEL e peguei uma dependência (em economia, óbvio!). Era a minha primeira DP na vida até então, e eu não entendia nada. Fiz uma prova e tirei 0,2, o que não me dava direito nem a exame, pois a nota era extremamente baixa, mas o professor foi “bonzinho” comigo e me deixou fazer o exame; ele aplicou exatamente a mesma prova de antes, e eu tirei exatamente o mesmo 0,2 de antes; acho que ele me deu aquela nota por eu ter escrito meu nome certo no papel, porque essa era a única coisa que eu sabia. Um outro episódio de quando eu cursava ADM também me marcou muito. Foi em uma aula de fundamentos da administração, a matéria mais tosca do mundo (porque nela tudo é muito simples e bobo), quando o professor fez algumas perguntas “polêmicas”, segundo ele, tipo: direita ou esquerda? Concorda com o casamento homoafetivo? O que acha da política brasileira de cotas? E sobre o bolsa família? E sobre o aborto? As respostas eram anônimas, e no final ele produziria gráficos no Excel a partir delas para nos ensinar como era fácil e estúpido. O resultado foi o mais assustador possível: uns 90% da minha turma de 40 alunos eram de direita, não concordavam com o casamento gay e eram contra a política de cotas e o bolsa família, além de outros absurdos; lembro que me senti pessoalmente atacado, porque eu era abertamente de esquerda, gay, cotista de escola pública e beneficiário do bolsa família; só naquele momento entendi que ali, com aquelas pessoas, não era o meu lugar, então saí de férias e nunca mais voltei para o curso, nem pra trancar a matrícula. Depois disso, conheci pessoas, conversei, fiz amigos e tentei outro vestibular, desta vez para Artes Visuais e, bem, estou aqui, né? Mas, voltando ao texto do Alejandro Zambra, tirei uma foto da página e enviei para o Nicolas; pensei que ele gostaria do escrito, já que ele também escreve e escreve muito bem. Nicolas e eu temos uma história conturbada, mas interessante! Ele foi um dos meus primeiros amorzinhos da vida ilhéu; conheci ele pelo Tinder, e no mesmo dia marcamos de nos encontrar e tomar um vinho; ele estuda na UFSC, e na época eu morava na Trindade, perto da UFSC; fomos na praça do Pida, que é um *point* de rolê ali do lado da universidade. Conversamos e fumamos bastante; não lembro quem levou o vinho, acho que foi ele; o vinho era de rolha, e nenhum de nós tinha saca-rolhas ali, então, em uma manobra com segundas intenções, convidei ele para ir a minha casa, já que eu tinha um belíssimo saca-rolhas lá; ele aceitou, e fomos, conversamos, bebemos, beijamos, transamos e ficamos nessa um bom tempo, alguns meses na verdade, e passamos até a virada do ano de 2019 para 2020 juntos, eu, ele, dois amigos dele e a Thais, que veio de Londrina passar a virada comigo, lá na Praia do Sambaqui; lembro de bater na porta do Coletivo Elza, de madrugada, e assustar a Ju Crispe pedindo açúcar para fazer uma caipirinha, e ela achou graça e me deu. No geral essa virada foi horrível; a bebida esquentou, tinha barulho demais, a areia era extremamente grossa e nos machucou, eu cortei a mão, ficamos de babá de 3 guris menores de idade que encontramos bêbados na praia; loucura e caos! Pra piorar, na hora da virada, fogos de artifício no céu, a ponte iluminada lá longe, estourando frisante e pulando 7 ondinhas, eu olhei pra ele e disse “EU TE AMO!”, e ele não respondeu nada! Uns 30 minutos depois, ele chegou em mim, enquanto a gente mijava num cantinho, e cantou um trecho de “Norman fucking Rockwell”, da Lana Del Rey, que o fazia pensar em mim: *Why wait for the best when I could have you?* Assim o ano virou, continuamos ficando, rolês e mais rolês. Fui a casa dele em Biguaçu, ele cozinhou pra mim – acho que foi macarrão ao molho branco –, e fiquei impressionado pela quantidade de cafeteiras que ele tinha em casa, acho que eram umas 15; perdi meu guarda-chuva favorito no ônibus da Biguaçu Transportes Coletivos, mas foi bom cruzar a ponte; às vezes me sinto realmente ilhado aqui na Ilha, parece que a vida no continente é muito distante, como se fosse outro mundo. Ainda naquele dia,

ele me levou para o pico favorito dele em Biguá, uma praia bem lixosa e nojenta, um esgoto a céu aberto; o engraçado foi que a vista dessa praia dava direto pra Daniela, assim como a janela do quarto dele, que dava pra essa parte do mar. Eu pensei que estava apaixonado pelo Nicolas, e talvez eu estivesse mesmo, mas daí ele quis terminar, e a gente terminou, e depois ele quis voltar no meio do carnaval, e eu não quis, e no meio disso ele escreveu sobre mim em um blog que ele mantém e lá chamou o meu amor por ele de “amor fascista”, e hoje isso virou uma piada nossa, mas na época doeu bastante. Nicolas e eu somos amigos, vira e mexe a gente conversa, e ele sempre demonstra muito interesse no que estou pesquisando e produzindo e escrevendo e lendo, e eu gosto disso. Gosto de ser gostado. O Nicolas respondeu o texto de Alejandro Zambra citado por Pedro Franz dizendo ai, fiquei balançado. o humor de hoje tá 100% verniz do silêncio. como tem estado o teu projeto de falar para se salvar?, e eu respondi “vai muito mal, quer dizer... vai bem, pois ando falando. mas as consequências disso não são tão boas. fico pensando que talvez seria melhor continuar no silêncio. semana passada ouvi ‘se você não confiar em mim, vai confiar em quem?’, e, bobo que sou, fui lá e falei, e daí, como resposta, ouvi que tava tudo bem, que tava tudo certo, que falar é bom. cinco dias depois, vi tudo o que eu tinha falado sendo usado contra mim, foda!”, e ele respondeu entendo, se tem uma coisa que eu entendo, aliás é de falar demais. mas essa sensação, acho que é bem normal e bem real, falar é se expor, ficar vulnerável e etc. é o risco que se corre, porém é de uma coragem enorme. mas isso que cê tá contando, parece ter sido uma situação bem específica, certo? Eu desconversei um pouco a partir daí, mas meio que contei pro Nicolas o que tinha rolado e eu nem sei se quero falar disso aqui, pois ainda é recente demais... Cara, acontece que eu sou um apaixonado, um encantado, um emocionado, sacas? E eu não acho que ser essa pessoa seja algo ruim, essa paixão é o que me guia e me leva para os lugares, mas essa paixão também me fode muito, e não de um jeito bom; eu sempre me entrego demais, sempre ofereço muito e, na maioria das vezes, recebo muito pouco ou quase nada de volta. O bom é que eu me mantenho sempre inspirado pra continuar produzindo, mas o foda é que é quase sempre na base da tristeza; lembro sempre de um discurso da Meryl Streep em que ela citou a Carrie Fisher e disse take your broken heart, make it into art. Que bosta, né? Mas acho que é meio por aí. Sobre o meu *broken heart* da vez, o que aconteceu foi que eu estava com um boyzinho aí, a gente estava junto fazia uns 3 meses, e foi muito intenso, muito intenso mesmo, intenso demais, um dos amores mais intensos que já vivi. Acho que o mais engraçado nessa história é que ele se chama João; sim, o mesmo nome do meu ex de Londrina, que também se chama João, e também o nome do menino por quem eu me apaixonei e com quem vivi um romance por uma semana em Brasília, que também é João, e parecido com o nome do menino com quem fiquei um tempo aqui em Floripa, depois do Nicolas, que é Joab e faz o melhor sexo do mundo (se você estiver lendo isso, Joab, me liga!). No meio de tudo isso, cheguei a me confundir entre amor e João, pensei por alguns momentos que só poderia amar alguém que tivesse esse nome. Que besteira, né? Enfim, esse João aí, o último João até o momento – meus amigos o chamavam de João 2, o que eu nunca deixei ele saber –, nós ficamos por 3 meses e falávamos sempre sobre futuro, casamento, ter uma casa com ilha na cozinha, criar filhos, morar fora do país, dar aula na mesma universidade e todas essas coisas apaixonadas e apaixonantes. Eu acreditei e falei também. Mas teve uma hora em que ele decidiu que não e acabou comigo, tudo por mensagem de texto. Acabou, e eu não quero falar disso, chega. Nicolas me respondeu algumas coisas, falou sobre uma certa amargura que envolve a gente nesses processos de término e de um medo dele, de se perder no caminho e de perder inocências e tolíces confortáveis. Eu também disse algo sobre como a gente vai ficando velho e chato e sobre como esse processo é meio que inevitável, já que tudo na vida é uma repetição; e que a gente vai projetando as situações que já vivemos nas nossas experiências novas, porque temos medo de nos machucar como no passado outra vez. Fiquei pensando na música que o Pedro Franz ouvia, então me deitei com o notebook no colo e fui ouvir também, *quiero que me recuerdes como las primeras veces...* Como parece impossível agora. Por fim, o Nicolas disse que falar por falar não salva ninguém, e fiquei imaginando qual resposta Clarice Lispector daria a ele – eu amaria assistir à discussão, já que amo uma briga. Fiz um chá de camomila, tomei meu remédio, Donaren 100 miligramas, fumei um e dormi. Acordei e comecei a pensar em escrita e no que eu tinha escrito aqui. Fiquei pensando nisso, de ir escrevendo sem pensar em escrever, mas ao mesmo tempo pensando bastante em tudo, nos fluxos de consciência, em Virginia Woolf, Hilda Hilst e Clarice Lispector. Pensei também na voz do texto; sempre que escrevo, penso em quem vai ler e me lembro da Marília Garcia, que disse uma vez que talvez existam duas vozes: uma voz é a que lê ao vivo: ela contém ondas, espécie de viva-voz que eu ligo no presente. e

a outra voz é esta aqui: a voz do texto. E se pergunta como fazer para a voz do texto coincidir com a voz ao vivo? Comecei a rir pensando nessa pergunta, pois, sempre que escrevo, ouço o texto sendo lido, na minha cabeça, com diferentes vozes; intercalo entre a minha voz, a do Pedro Bial, a da Laurinha Lero e a do Cid Moreira. Minha cabeça é uma cacofonia, assim como minha escrita; vou escrevendo como posso e como sei. Pode parecer estranho, mas escrevo para ser lido e ouvido; este texto, pedaço de mim, eu, ele, nós temos e tenho urgência para ser lido e ouvido. Por favor, leia-me como pode e como sabe, não quero nada além disso. Penso que o personagem leitor é um personagem curioso, estranho. Ao mesmo tempo que inteiramente individual e com reações próprias, é tão terrivelmente ligado ao escritor que na verdade ele, o leitor, é o escritor. Não sou desses que escreve e guarda – eu mantenho uma conta no Twitter já faz 10 anos e tenho mais de 107 mil publicações no site, acabei de checar aqui! Penso, escrevo e falo muito! Sonho em um dia publicar todos os meus *tweets* em um livro. Será que alguém leria? Eu, com certeza não. Sempre fui de me expor, sempre fiz tudo às claras; inclusive, meu TCC da graduação se chama “Corpo exposto não manda recado” porque me exponho e me arrisco; eu sou assim e não tenho como mudar. Minha terapeuta disse que eu tenho uma força de ego muito presente, vou perguntar na próxima sessão o que ela quis dizer com isso (não consegui perguntar na última, pois estava ocupado demais chorando, mais uma vez, falando sobre meu pai). Sobre datas: ontem foi Dia do Professor, e eu sou licenciado em Artes Visuais; sim, é isso mesmo, sou professor! Às vezes me esqueço disso; como emendei a graduação e o mestrado, não tive tempo de assimilar a informação e me aventurar no mercado de trabalho; quer dizer, não como professor, pois minha carteira de trabalho tem registros do setor de serviços e varejo desde os meus 14 anos de idade: já trabalhei como auxiliar administrativo, mensageiro de hotel, auditor de shopping, garçom, monitor de brinquedos de festa infantil, fotógrafo, designer, capinador de lote, etc. Quinze de outubro, data bonita, mas vazia de significado; fiquei procurando motivos para comemorar e não encontrei. Estava navegando no LinkedIn – coloquei na cabeça que quero trabalhar como professor para complementar a bolsa de pesquisa da CAPES e me preparar financeiramente para quando ela acabar, o que acontecerá em breve – e encontrei uma vaga que pagava R\$ 250 por mês durante 2 meses de experiência... feliz Dia do Professor! Ultimamente eu não sei bem o que estou fazendo, pois a pandemia da Covid-19 tirou todas as minhas certezas (não que eu tivesse muitas, mas antes as coisas faziam algum tipo de sentido). Eu, Gabriel, 23, estava morando em Florianópolis por causa do mestrado, pesquisando a rua, pesquisando a cidade, pesquisando os deslocamentos, andando, criando e aprontando por aí. Eu ainda me chamo Gabriel, ainda tenho 23, ainda moro em Florianópolis por causa do mestrado (se bem que não tenho mais certeza de que quero continuar morando aqui), mas a pesquisa, putz! Parece que mudou tudo; a rua, a cidade e os deslocamentos mudaram completamente, tudo o que eu sabia sobre a cidade e seu uso desapareceu! Lembro de me sentir assim ano passado, quando fui a Brasília e não sabia nem atravessar uma rua, pois a logística da cidade é toda diferente. Parece que agora todos os lugares são imensas Brasília, mas ruins, pois eu tinha amado essa sensação brasiliense. Tinha amado não saber mais como funcionava uma esquina, ter que pensar pra entender e racionalizar o Plano Piloto. Eu vivi um pequeno romance em Brasília: ele, João, candango e comunicólogo em formação, cabelos negros e cacheados, sorriso bobo, pele elástica, dançarino de *vogue* e sem sotaque algum, assim como todos os outros brasilienses. Lembro de bagunçar com ele sobre isso enquanto ele me chamava de “manezinho pé vermelho”, que é a junção dos gentílicos de Floripa e Londrina; talvez esse seja o melhor gentílico para mim no momento, já que meu sotaque e minha identidade andam esquizofrênicos. Passei uma semana em Brasília, uma semana com o João; ele me apresentou e falou sobre as quadras, as superquadras, os setores, o Eixo Monumental, as tesourinhas, o afeto, o cuidado e o sexo. Lembro que, certo dia, perguntei quais eram os pratos típicos da cidade, e ele respondeu “PASTEL E PIZZA”. Ri muito e só depois entendi. Aquela cidade é assim, foi feita para ser assim; não tem comida típica e não tem sotaque, e é isso. Brasília é o que se vê: cidade imensa, importante e de história recente. Brasília ainda não tem o homem de Brasília. – Se eu dissesse que Brasília é bonita, veriam imediatamente que gostei da cidade. Mas se digo que Brasília é a imagem de minha insônia, veem nisso uma acusação; mas a minha insônia não é bonita nem feia – minha insônia sou eu, é vivida, é o meu espanto. Os dois arquitetos não pensaram em construir beleza, seria fácil; eles ergueram o espanto deles, e deixaram o espanto inexplicado. A criação não é uma compreensão, é um novo mistério. – Quando morri, um dia abri os olhos e era Brasília. Me apaixonei pelo João e me apaixonei por Brasília; eu voltei pra Ilha e ele ficou lá; ele sonha em sair do DF e eu sonho em me mudar pra lá. Hoje, toda vez que saio de casa, meu peito dói (dor

física, de verdade), coloco a máscara, passo álcool em gel, lavo as mãos, me esforço pra não coçar os olhos, me polio o tempo todo, vejo amigos e cumprimento de longe; não abraço mais as pessoas, não converso mais na rua, não fumo mais um cigarro despretensiosamente em qualquer esquina, não fico de rolê o tempo todo, não beijo mais estranhos por aí; fico em casa, trancado em casa, vivendo em casa. Minha pesquisa foi mudando à força, sendo obrigada a mudar, como se ela também tivesse sido contaminada pelo coronavírus, ficando doente e feito quarentena; se antes eu escrevia sobre a sensação de estar, viver e compartilhar *a e na rua, a e na cidade*, hoje escrevo sobre a casa; voltei todos os meus olhares e atenções pra dentro, mas pensando muito sobre o lado de fora e querendo muito o lado de fora. Escrevo sobre a casa querendo compartilhar esse espaço, torcendo para que as pessoas se reconheçam nessas palavras ou que as desconheçam, para que esses textos reverberem algo sobre espaço, lugar, pertencimento, afeto e memória em alguém. Toda essa mudança mexeu demais comigo, tanto que, neste ano, em 2020, como medida extrema após diversas crises de ansiedade, resolvi procurar ajuda profissional; avisei alguns amigos e familiares, pedi socorro mesmo! Falei “EI, NÃO TÁ DANDO MAIS, ME AJUDA, PORQUE EU TÔ MAL!!!”. E, como sempre, recebi ajuda, conversas e mais conversas, dinheiro emprestado, ligações no Google Meet, Jitsi Meet, Zoom, WhatsApp, Instagram, Messenger, Twitter, Facetime, iMessage, Discord, Chat do LoL, etc. Hoje sigo com terapia uma vez por semana; em março conheci uma terapeuta que me fazia chorar o tempo todo, tinha espírito de *coach*, tentava de alguma forma me culpar por AQUILO que aconteceu com meu pai e falava que eu tinha de perdoar ele; dei um *ghosting* nela e sumi. A atual me ouve e me faz falar demais, faz muitas perguntas e depois fala algumas coisas que eu nunca ouço direito ou não consigo prestar atenção, não sei. Também tenho psiquiatra a cada 2 meses, acho um porre; percebo ele me analisando e acho que ele sabe quando minto pra ele; ele disse que tenho ansiedade e depressão, e eu acho que tenho mesmo, torço pra isso tudo passar logo. Meus problemas com a casa da Trindade começaram um pouco antes da pandemia. Eu morava com meu amigo Guilherme, e ele estava de férias na casa da família dele, em Londrina; tudo estava tranquilo, tudo estava em paz, eu comia um *poke* e tomava um suco de uva com Lorena em um shopping cheio de frescuras no Rio Tavares, até que ele me mandou um áudio, do nada, no WhatsApp, dizendo que não voltava mais; tentei não surtar, não surtei e rapidamente consegui alguém para substituí-lo na casa (e no aluguel): Bruna foi morar comigo, ficou na casa por uma ou duas semanas, nem chegou a levar sua mudança, e BUMMMM! Pandemia. Isolamento. Fim do mundo. Disseram que seria por 14 dias; Bruna, eu e todos os outros brasileiros acreditaram, e ela foi passar esses 14 dias com a família em Criciúma; eu fiquei sozinho em casa, mas aconteceu que os 14 dias foram renovados por mais 14 dias, e mais 14 dias, e mais 14 dias, e o final de tudo isso a gente já sabe, pois estamos aqui até hoje e parece que vamos ficar assim pra sempre. Voltando, eu fiquei sozinho em casa no primeiro mês da pandemia e isso fodeu minha cabeça; eu não tinha com quem conversar e não podia sair, perdi a capacidade de dormir e me viciiei em League of Legends, o LoL, que é um jogo on-line de batalha multijogador com uma comunidade de jogadores extremamente tóxica; eu ficava o dia todo sem comer, sem dormir e sendo xingado por adolescentes por ser um péssimo jogador. E a Bruna pagando o aluguel, de longe, e eu mal com essa situação – porque ela não tava morando ali, e não tinha nada dela ali além do vestido de noiva da mãe dela, um par de chinelos, uma toalha e um lenço –, ao mesmo tempo em que eu sabia que não conseguiria arcar com o aluguel sozinho sem passar fome. Então Lorena me ligou e me convidou para ir até a casa dela, que hoje é a nossa casa, e bebemos, conversamos e nos abraçamos; ela me levou na Lagoinha Pequena, onde tomamos sol, e me convidou, ou eu me convidei, não lembro, acho que foi um meio-termo, enfim, rolou essa conversa sobre morar aqui, e na hora mandei uma mensagem para o locador da minha antiga casa, falando que eu não poderia mais arcar com o aluguel por todos os motivos que citei aqui, e perguntando se ele poderia flexibilizar a multa, e ele aceitou; rolaram alguns perrengues, mas, enfim, saí da Trindade e me mudei para a SERVIDÃO MAR DO LESTE, Nº 207, APTO 6 - RIO TAVARES, ILHA DE SANTA CATARINA - SC, 88048-414. Eu mudei de casa no meio de uma pandemia, que é meio que uma trapaça, né? Se a regra é que eu não posso sair de casa, ninguém disse que eu não posso trocar minha casa por outra, arrancar outra parede para ficar olhando. A mudança foi no dia 23 de maio de 2020, aniversário da Lorena, uma experiência bem gostosa. Cheguei, comprei uma vela, fiz um bolo e conheci toda a família e os amigos dela, por videochamada, claro. Moro no Residencial Vó Benta, um condomínio com 6 quitinetes, todas iguais, um grande pátio, seis garagens e 2 lajes que uso para tomar sol quando dá. O prédio parece os conjuntos habitacionais do filme “The Florida Project” (sempre dou risada quando penso que moro no *Floripa Project*). Esse tipo de constru-



ção é bem comum na cidade, e muitos manezinhos vivem do dinheiro gerado pelo aluguel; alguns, inclusive, alugam as quitinetes durante o ano por um preço X e, na temporada, elevam o valor para 3 vezes X ou mais! Se procurarem aluguel por aqui, pesquisem por aluguel anual para não terem a terrível surpresa de serem chutados de suas casas na alta temporada ou precisarem desembolsar milhões para o aluguel. Nossa quitinete é grande — nem sei por que chamar de quitinete, já que na minha cabeça quitinete é algo muito pequeno, individual, e entendo este espaço como um apartamento —, tem 2 quartos, uma sala, uma cozinha, um banheiro, uma área de serviço e uma varandinha. Rio Tavares é diferente de todos os lugares que já morei; não que foram muitos, mas aqui é mesmo bem peculiar. Eu me sinto em uma roça o tempo todo: não tem sinal de telefone direito, a internet é muito ruim, a luz cai quando chove e quando não chove, não tem muitos bares, restaurantes ou mercados por perto e fica bem longe do centro. Também, de todos os lugares que já morei, o Rio Tavares, ou RT, para os íntimos, é o que mais me proporciona contato direto com a natureza, o que é algo bem novo pra mim. Minha rua é sem saída, quer dizer, sem saída pra carro, já que o seu fim é na verdade um novo começo, com a entrada de uma trilha que dá em outra trilha que dá em outra trilha que dá direto em um parque de dunas e na praia. São 10 minutos entre a minha casa e o mar; morar nesse lugar é um privilégio. Dormi. Acordei. Dormi. Acordei. Dormi. Acordei. Dormi. Acordei. Chorei. Dormi. Acordei. Acordei. Dormi. Acordei. Estava pronto pra dormir, já tinha escovado os dentes duas vezes, cada vez com uma escova diferente, já tinha passado o fio dental e já tinha usado o enxaguante bucal. Ritual dos dentes completo. Estava na minha cama, aninhado entre os cobertores (gosto de dormir sempre igual a uma lagarta dentro do casulo: eu me enrolo todinho na coberta e puxo a parte inferior para baixo dos meus pés). Com os dentes super limpos e muito bem coberto, eu ouvia a chuva fininha que caía lá fora e os ruídos do quarto ao lado, onde Lorena conversava com sua prima, Cyres, que tinha chegado em casa havia 1 mês (chegou sem eu saber, simplesmente brotou ali; não quero falar sobre isso). Peguei o celular para checar as horas e ativar o modo avião, o que faço toda noite, pois tenho pavor de ser acordado de madrugada por uma notificação ou ligação com notícia ruim. Eu me protejo como posso. Pois bem, quando eu estava com o celular na mão, chegou uma notificação de Lorena, uma mensagem do WhatsApp que dizia Oi, Gabs. Tenho um assunto delicado pra falar com cê e vai ter que ser por aqui pq pessoalmente não tô conseguindo. Pra mim não tá sendo bom a convivência na casa, sinto que você também tem sentido isso. Eu gostaria de te pedir pra olhar um outro lugar, com calma, durante o mês de março. Esse tempo juntos foi super importante pra mim de várias formas, obrigada pela parceria até aqui :) Amanhã podemos conversar melhor. Não consigo descrever bem o que eu senti na hora, mas lembro que foi uma sensação ruim; meu coração acelerou, meus olhos encheram de lágrimas, mas eu fiz com que elas esperassem pra cair. Não queria chorar dentro de casa, já que qualquer ruído que eu fizesse ali seria entendido como um rumor do outro lado da parede. Peguei meu celular, vesti uma calça de moletom suja e uma capa de chuva, calcei minhas Havaianas e saí do apartamento, mesmo com chuva, para andar pelo bairro. Andar é o que mais me acalma no mundo. Assim que fechei o portão e encontrei a rua, chorei um oceano; parecia que toda a água que caía do céu era feita por mim. Andei por aproximadamente 2 horas, até chegar numa pracinha, e parei. Peguei o celular e liguei pra um dos meus joões, não me lembro qual, que não atendeu. Liguei pra Ju e ela também não atendeu. Pensei em ligar pra minha mãe, mas pensei que não seria uma boa ideia uma ligação minha, assim, tarde da noite, sobre esse assunto; eu poderia matar minha mãe do coração. Parei de tentar ligar para as pessoas. Então me sentei embaixo de uma marquise de concreto de um desses prédios feios de praia com temática de litoral. Abri o Tinder e olhei uns guris. Acho tão engraçado como em Floripa todos os rapazes parecem um só; eles são sempre brancos, loiros, de olhos claros e abdômen trincado. São o oposto de mim, e isso me deixa inseguro na maioria das vezes. Enfim, abri o Tinder, deslizei algumas vezes para a direita, outras para a esquerda, dei alguns matches. Um guri perguntou se eu estava bem, eu disse que não, e ele respondeu “foda”. Fechei o aplicativo, voltei pra casa meio chorando, meio com raiva, mas com uma única certeza: voltar a Londrina. Ao chegar, tirei minha roupa molhada, joguei em um canto do meu quarto, fui pro banheiro e tomei o banho mais quente do mundo (cerca de 197 graus); senti meus poros gritando e minha pele ressecando, vivi naquele instante uma microssituação de extremo aquecimento físico-corporal-psíquico-telepático. Escovei os dentes mais uma vez e me deitei na cama mais uma vez. Abri o WhatsApp mais uma vez. Vi a mensagem lá, não respondi. Tomei meu remédio em dose dobrada. Se 100 miligramas de Donaren me dão sono, as 200 miligramas que tomei me causaram uma semi-hibernação; dormi

# Índice

---

## Esquecer

---

1. Na cama um lençol florido em cor-de-rosa, verde-limão e branco; no teto uma mancha de umidade cada vez mais próxima.
2. Um menino morde o braço da Menina e arranca um pedaço de pele; ela não quis emprestar o telefone da casinha.
3. Um brinquedo jogado ao mar pelo Pai.
4. A ilustração no livro infantil escondida por papel de carta decorado.
5. A praia como um bloco azul e outro bloco amarelado; o pacote branco do biscoito de polvilho risca o bloco azul.
6. Uma gaveta com chocolates e bilhetes de loteria perdedores.
7. Uma cadela enterrada à noite.
8. O Bebê com a barriga branca de talco e o rosto vermelho de raiva.
9. Sanduíches de pão francês que a Mãe corta em diagonal e empilha sobre uma tábua de madeira.
10. O pedaço de estopa que um menino coloca na boca da Menina.
11. Três ratos mortos a pauladas.
12. A Menina com o batom vermelho de farmácia e um lápis de olho roubado da Mãe.
13. Uma intoxicação alimentar causada por seis maçãs verdes e excesso de sol.
14. A estampa de flores vermelhas sobre fundo preto no verso do baralho, desbotada por muitas mãos que jogam.

## Lembrar

---

15. Galhos de flamboiã em verde e laranja encostam no telhado, pedaços de sol entre as folhas.
16. Uma maçã cor-de-rosa e redonda sobre fundo cinza; o pincel muito grande entre os dedos da Menina.
17. Uma pedra em forma de coração trazida do mar pelo Pai.
18. As mãos da Avó com agulhas de crochê douradas e unhas vermelhas.
19. As mãos do Avô fazendo um truque de mágica com um palito de dentes e um guardanapo azul.
20. Vigas de madeira com cupins, e a casa ainda em pé.
21. O espinho da bougainville rosa-choque furando o dedo da Menina.
22. O livro do I Ching com anotações da Avó.
23. A mesa dos adultos com copos de whisky e algo sobre uma mulher que cria o filho biológico como se fosse adotado.
24. Lascas de tinta terracota soltas pela maresia.
25. Uma freira sem unhas nas mãos sentada em uma sala de espera.
26. A voz do Avô cantando bolero aumenta de volume conforme ele se aproxima pelo corredor.
27. Um armário branco de madeira com muitas roupas coloridas, jogos de tarô e um envelope com dinheiro.
28. O meio do pão doce, com uma mancha rosada e o gosto da cereja removida.

ela pega uma pedra

tem formato irregular, com uma ponta alongada

coloca no topo da pilha

o cenário é muito próximo de sua casa

inclina-se para a frente

olha para a pedra que segura

a mão direita equilibra uma pedra horizontal

a mão esquerda segura duas menores, arredondadas

uma pilha de pedras  
no topo, uma pedra vermelha em formato de pirâmide  
ela se abaixa  
há grandes nuvens brancas

o céu é muito azul  
ela veste uma camisa azul de botões  
está de pé  
empilha uma pedra quadrada

a pedra do topo é pequena e arredondada

na outra mão tem uma pedra cinza

o sol está alto

a pilha ainda é menor que ela

Em ter., 11 de mai. de 2021 às 19:57, ramosjunqueira <ramosjunqueira@bol.com.br> escreveu:

rafa,

achei que foi muito massa eu ter vindo depois de você na disciplina de lia/inês. aquele primeiro bloco todo ( você-eu- marília ) + arissana tinha muitas conversas convergentes. fiquei animado. me deu vontade de lhe escrever.

gostei tanto, talvez pq são questões que informem minha pesquisa também, quando você trouxe men in polyester suit, do mapplethorpe e o seu trabalho. não conhecia esse trabalho seu. fui no seu site depois procurar sobre ele. achei muito elegante a solução da fita métrica, o prego e o texto. muita chaves. embora o trabalho já diga tudo se você animasse de falar mais sobre eu gostava.

eu tenho uma relação ambigua com o trabalho do mapplethorpe. especialmente dessa fase de retratos do milton moore. faz uns anos li o só garotos da patti smith e na sequência li uma biografia dele escrita pela Patricia Morrisroe. é um retrato bem cru. a relação dele com a patti. o casamento dele com sam wagstaff. o fascínio dele com a factory. catolicismo e bdsm. ela era uma bixa perturbada. com uma obra não menos densa. e com todas as objeções e censuras que eu faço ao *Man in Polyester Suit* algo do fascínio da imagem persiste, entende? a profundidade dos pretos, as texturas do tecido da roupa, a iluminação escultórica do pau (não-ereto).

é uma promessa? é uma ameaça?

não sei se você saca um texto do Essex Hemphill chamado "Sua mãe sabe sobre mim?". é foda esse texto. em dado momento ele comenta sobre essa foto do mapplethorpe. vou colar aqui um trecho:

*A comunidade gay branca pós-Stonewall dos anos 80 não estava seriamente comprometida com a existência de homens negros gays a não ser como objetos sexuais. Na mídia e na arte, homens negros foram pouco representados para além de um grande pau preto. Esse aspecto da sensibilidade gay branca é surpreendentemente revelado nas fotografias de homens negros feitas pelo falecido Robert Mapplethorpe. Apesar de suas imagens serem técnica e esteticamente bem compostas, seu trabalho artisticamente perpetua estereótipos raciais construídos ao redor da sexualidade e do desejo. Em muitas de suas imagens, homens negros são mostrados apenas como partes de*

*anatomias – genitais, peitos, nádegas – aproximadas e recortadas para provocar desejo. O olho de Mapplethorpe dedica atenção especial ao pênis sob o custo de não nos mostrar o rosto do sujeito, e com ele, uma pessoa completa. O pênis se torna a identidade do homem negro, que é o clássico estereótipo racista recriado e representado como arte no contexto de um olhar branco. “Man in a Polyester Suit” de Mapplethorpe, por exemplo, apresenta um homem negro sem cabeça, usando roupa social, seu zíper das calças aberto, e seu pênis grande e grosso pendurado, um pênis não-ereto. É possível assumir que muitos espectadores que apreciam o trabalho de Mapplethorpe, e que constroem fantasias a partir dele, provavelmente questionem primeiro o quão maior ficaria o pênis durante a ereção, ao contrário de questionar quem é o homem na foto ou por que não vemos sua cabeça. O que é insultante e ameaçador a homens negros é a determinação consciente de Mapplethorpe de que os rostos, as cabeças, e por extensão, as mentes e experiências de alguns de seus sujeitos negros não são tão importantes quanto um “close-up” em suas rolas.*

passei os últimos dias pensando em paus. em paus negros. na representação de paus negros. paus negros e história da arte. pensei no seu pau. pensei no pau do milton moore fotografado pelo mapplethorpe. pensei no pau de amaro do bom crioulo. pensei nos paus que aparecem no diário de pegação. pensei no meu proprio pau desenhado.

final de 2019 o francisco bianchi me desenho dentro de uma série do les garçons bleus. era uma série chamama \_\_\_\_\_, et les objets. ele stalkava o instagram do modelo e escolhia objetos para compor o desenho com o nú. eu gosto dessa serie do francisco e gosto também de ter sido retratado nela. tem toda uma delicadeza no traço. no meu desenho estou pelado, com pose de kouro grego, no centro da imagem, rodeado por diversos objetos pescados das minhas fotos. uma blusa lula livre (dobrada, só se vê a parte superior da estampa), uma placa da rua marielle franco. as memórias coloniais de grada kilomba. fitas k7. um violão. uma garafa de água mineral. uma máquina analógica da kodak. fones de ouvido. um girassol. um coco-verde com canudinho. um cacho de bananas. um taco de sinuca com duas bolas na base.

não acho que seja um retrato agressivo. mas se penso na eleição dos objetos em relação com as expectativas projetadas tradicionalmente sobre corpos maculinos negros o desenho ganha outras câmadas. percebo certos núcleos nos objetos: a blusa de lula, o livro de grada, a placa de mariele formam um núcleo. as bananas, a água mineral, o coco-verde com canudinho, o girassol formam outro. o violão, as fitas k7, os fones grandes mais um. as bananas, juntamente com o taco de sinuca (+ as duas bolas) formariam mais um núcleo. o cacho de bananas flutua sobre a cabeça da figura (no caso eu). a penca de bananas sugere vagamente uma penca de picas? eu fico na dúvida. o taco e as bolas são metonímias de virilidade.

quando vi o desenho pela primeira vez  
escrevi (mezzo rindo) pro francisco  
que o taco da sinuca tinha ficado bem falico.  
o francisco me respondeu:  
*eu ia colocar uma bola de cada lado. mas achei um pouco demais.*

as sugestões do taco sinuca me incomodam.  
mas não apaga ou anula,  
embora rasure,  
alegria que senti em me ver naquele desenho.  
o orgulho e o constrangimento coexistem.

se tensionam  
não se anulam.  
nunca tinha posado pela antes. não me arrependi depois.

um dos últimos desenhos que eu fiz pro diário “hotel londrina/ quarto 17”  
tem um cara sentado na cama, de boné, tatuagem na perna e cavanhaque  
exibindo orgulhoso o próprio pau. cheguei a conversar com o gal sobre esse  
desenho, logo depois de fazer ele. me perguntando se eu estaria  
reforçando estereótipos de masculinidade negra ou se seria falocentrismo  
puro e simples. ainda não estou seguro de que não.  
gal argumentou: essa é uma dimensão presente nas nossas praticas  
também.

tem isso

o garoto do meu desenho é um boy que fiquei três vezes. um boy de  
salvador que mora em feira de santana. na segunda vez que ficamos eu  
contei pra ele do projeto do diário de pegação e que gostava se ele  
topasse posar pra um desenho do projeto. ele ouviu. pensou um  
pouco. depois disse que achava legal. mas que preferia que eu desenhasse  
ele a partir de uma foto que ele tinha me mandado pelo whatssap. na foto  
ele mostra orgulhoso o pau e olha diretamente pra câmera. é uma foto  
sem vergonha. exibida. uma convite direto. o modo como ele olha  
diretamente pra câmera, sem susto, sem vergonha, me diz também de uma  
gesto de autoridade sobre si mesmo. ele está explicitamente performando  
pra câmera. o modo como ele olha diz da intencionalidade do sujeito que  
se expõe. no desenho que eu faço os olhos não aparecem mas a postura  
corporal confirma o con vite presente na foto.

como a gente faz pra não ser mesquinho com o desejo do outro?  
como a gente faz pra não ser mesquinho com o próprio desejo?

esse foi um dos desenhos mais curtidos e compartilhados do diário.  
também esse dado me deixou pensando.

ontem eu li um materia na piaui que falava sobre literatura erotica  
produzida por mulheres e autopublicadas pela amazon e outras mídias.  
para um público sobretudo feminino. em determinado momento da  
materia vai dizer que os livros que são mas bem sucedidos comercialmente  
nesse nincho são as historias que descrevem uma relação do tipo  
dominador-submisso, que envolve um homem dominador, de perfil  
caucasiano, financeira e hierarquicamente privilegiado (um ceo) com uma  
mulher submissa, financeira e hierarquicamente fragilizada frente a esse  
homem (normalmente uma secretária novata). com paciência e tenacidade  
a mulher faz o homem se apaixonar por ela. as historias normalmente  
acabam em casamento.

o sucesso está associado a cumprir as expectativas mais tradicionais?

nem tenho resposta, rafa.  
desculpe um e-mail tão grande  
me empolguei lhe escrevendo  
é isso.  
tô por aqui  
bjs

m.



**De:** "Rafael RG" <rafa.tempo@gmail.com>

**Enviada:** 2021/05/18 11:22:42

**Para:** ramosjunqueira@bol.com.br

**Assunto:** Re:

Márcio,

Domingo de noite eu postei um stories com uma foto minha voltando de metrô de um rolê de bike que dei no minhocão. A foto mostra meu corpo da cintura para baixo. Recebi algumas respostas com insinuações do tipo, "olha o pacote", "vai viajar?". Emojis de foguinho, linguinha etc. Eu postei a foto. Eu queria biscoito pelo volume do meu shorts ? O que se pode ler daquela imagem, sendo eu um corpo negro, é somente o volume do shorts ? Me ofende só terem falado do volume do shorts sem ninguém ter falado, *olha legal, me chama para o próximo rolê, ou, olha é de boas levar bike no metrô ?* Eu poderia responder Sim e Não para todas as perguntas que joguei aqui anteriormente, porque guardo em mim todas as contradições que advêm da minha existência nesse mundo que conhecemos como mundo.

De todas as respostas ao meu stories de domingo de noite. Teve uma que foi diferente. "Seria mto estranho eu falar que o pé me deixou interessado ?" *E parte da minha resposta foi: «....Geralmente a rola é o último lugar que eu costumo por a boca».*

Essa mesma pessoa me perguntou "Qual os seus fetiches?". Eu queria responder que não tenho. Não sei, acho que depois de anos e anos tendo meu corpo objetificado, depois de tantas mensagens "Sou louco para dar para um rasta" e outros tipos de absurdos, talvez como mecanismo de defesa, comecei a pensar em outras formas e lugares de se construir o prazer sexual. Nunca me interessou oferecer o que o outro quer....

*Mas para não deixar a pergunta esfriar eu respondi que "O meu fetiche é realizar o fetiche dos outros"*

Eu realmente fico feliz por aqueles que sabem tão claramente o que lhe dão prazer. Mesmo que essa concepção da coisa que te dá prazer seja vinda de processos de violências coloniais, ideais de corpo publicitários, visões da indústria pornográfica e outras instâncias estritamente ligadas ao patriarcado.

Já há algum tempo eu venho me perguntando o que me dá prazer. E venho descobrindo que o que me dá prazer é propor essa pergunta ao outro e tentarmos juntos chegar a alguma resposta. Mesmo que a resposta não importe muito, o gozo está no processo.

A uns anos atrás eu tive alguns encontros sexuais com M. Era gostoso transar com ele, ao mesmo tempo que eu me perguntava quando eu chupava ele: *O que estou fazendo ?*

Depois de semanas de desgastes por uma relação com grandes falhas de comunicação, eu escrevi um texto sobre essa relação e postei. Esse texto é um dos meus posts mais curtidos e compartilhados. O que me deu uma

certa alegria em perceber que não era só eu que pensava certas coisas. Tem um trecho do texto que diz:

*“Quando eu quero transar, geralmente vem na minha mente imagens do que eu idealizo como sexo: partes do corpo do outro adentrando minha boca. Pau, buceta,cú, dedos das mãos e dos pés adentrando minha boca. Quando eu transo não são essas ações de ter essas partes do corpo do outro dentro da minha boca que me dá prazer. O que me faz gozar é tudo que vem antes e depois disso. É algo que chamo de intimidade, rir sobre um corpo nu. A imagem da coisa nunca é a coisa em si. E cada vez mais me parece que eu nunca estou lá quando eu estou transando. Tenho que ficar atento para não entrar em pânico ao perceber que eu não estou lá. As vezes eu preciso do outro para me sentir presente. Às vezes eu preciso do outro para estar fora de mim.”*

Tenho pensado muito no “O Mundo como Vontade e Representação” do Schopenhauer. O que é desejo, o que é representação de desejo. Para o público da sua página, os desenhos do diário de bordo são representações de desejos ? Minha foto no grindr é representação do desejo de alguém ? E onde está a minha vontade na construção do desejo em âmbito social ?

E mais recentemente eu eu escrevi nas minhas anotações:

*As vezes eu sinto que eu não sei o que eu quero, até que aquilo que eu passe a querer aconteça. Só é possível amar, amando.  
Desejar é entender que não se sabe o que se quer, porque só no fazer que o entendimento do que se deseja se realiza. Eu pensei.*

Tudo isso para te dizer que tenho acreditado que eu não tenho mais um pau. Como se só fosse possível seguir, sem ter que me preocupar com certas coisas, acreditando que eu não tenho pau. As vezes me parece que tudo que as pessoas ao meu redor pensam que é um pau preto, é justamente o que eu não construo para mim.

Então tenho chegado à conclusão que eu não tenho um pau.

Se você ainda tiver um, me conte mais sobre ele.

Beijos.



Data: 10 / 05 / 2021 Hora: \_\_\_\_\_ : \_\_\_\_\_  
Nome (Recebe): Opete A. Calderam  
Fone: 999562284  
Nome (Manda): \_\_\_\_\_  
Fone: \_\_\_\_\_

**Endereço:**  
Rua: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_  
Edifício: \_\_\_\_\_ Apto.: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_  
Referência: \_\_\_\_\_

DESCRIÇÃO	
<u>leisiantemo</u>	<u>1 Buque de 120,00</u>
<u>primavera</u>	
<u>caivo vermelho</u>	
<u>Rosas</u>	
<u>astroemédias</u>	
<u>alecuim</u>	
<u>manjeriçã</u>	
<u>Boca de leão</u>	
<u>Aspargo</u>	<u>pagar</u>

PORTAL DAS FLORES  
CNPJ 22.182.363/0001-28  
(48) 3437-7087 (48) 9614-5728  
Joaquim Nabuco, 578 - B. Michel - Criciúma - SC



PARCIAL

PESSOAL

POTENTE

PREVISÍVEL

PERMANENTE

PRUDENTE

POSSÍVEL

**MI**

# IN

DECENTE

COMUM

FLEXÍVEL

CERTO

FORMAL

DIFERENÇA

COERCÍVEL

TANGÍVEL

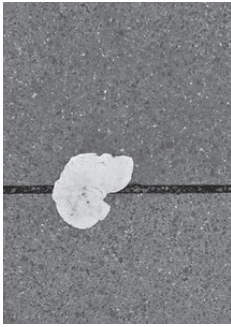




Anna Moraes

## não fui eu que pixei

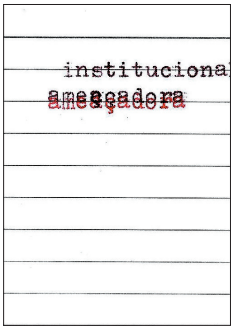
O que é um lugar certo? Ou ainda um lugar errado? Planejar uma viagem palíndromica de ida e volta, passando apenas por lugares no mundo chamados Anna. Ou percorrer pelo GoogleEgotrip e desenhar o percurso. Este trajeto inclui uma balsa, atravessa diversos países, fica em outro fuso horário, com pedágios e trem para carros. E encerra na ilha onde moro, na praia da Daniela, com o nome dos lugares pichado (pixado) no lixo da praia.



Barbara Paul

## o esgarçamento de um tempo que não é mais

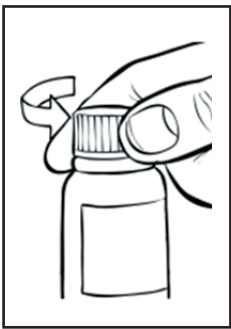
Quando comecei a mastigar a minha adolescência, ela era tão doce que eu não resisti em colocá-la inteira dentro da minha boca de uma vez só, e a mordi com força repetidas vezes até que fosse aos poucos perdendo o gosto e fazendo doer meu maxilar. Por fim, a vontade de mastigá-la foi substituída pelo desejo cuspi-la e o seu gosto delicioso primeiro se tornou enjoativo, pelo excesso de açúcar, para em seguida se tornar quase repulsivo.



Bruno Novaes

## ficha

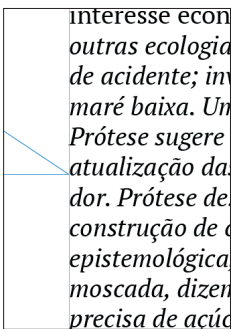
o trabalho parte de um depoimento retirado do livro o corpo educado em que um professor narra um ato de violência e preconceito em torno da demonstração pública de afeto entre dois homens no pátio de uma escola. o trecho utilizado é então datilografado em fichas de modo fragmentado para que o público-leitor possa reconstruir outras tramas narrativas. interessa as diferentes possibilidades de leitura e análises dos discursos que são produzidos na recombinação das partes, numa espécie de desvendamento do que pode, ou não, ter ocorrido.



Carlos Ferro

## Proce - medicamento

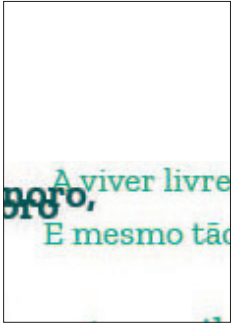
Isto é quase uma bula. Bula/partitura. Bula/enunciado. Bula/ação. Bula/ substância e/ou bula/preparada, usada no tratamento de uma afecção ou de uma manifestação mórbida.



Daniela Castro

## Eu canto e tu significantas, um retrato (a Sylvia Wynter)

*Eu vejo e tu significantas, um retrato (a Sylvia Wynter)* é um retratotexto do processo de tradução de “Novel and History, Plot and Plantation” da escritora, dramaturga e filósofa jamaicana Sylvia Wynter (publicado na *Savacou*, no. 5. Junho 1971; pp. 95–102). Esse retrato captura um momento da leituraconversatraduçãoescuta entre as interlocutoras convocadas para participar dessa gira de cozinha, a saber: Sylvia Wynter, Lucy Lippard - que empresta o formato do texto de seu romance experimental *I See You Mean*, de 1979 -, Abdias do Nascimento, Paul B. Preciado, Elizabeth DeLoughrey, Livia Aquino, Silvano Santiago, Audre Lorde, Daniela Castro.



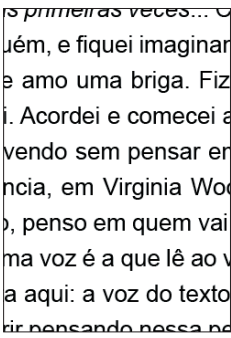
Daniela Vicentini  
**mar de sophia**

gosto de nadar e a água do mar é muito meu corpo. num dia olhei as linhas e as distâncias e as cores do movimento do mar para a praia. fiz aquarelas observando isso. lembrei de poemas da Sophia Breyner, aqueles que encontraram as minhas palavras, e os desenhei em massas de água e areia. procurei trazer mais qualidade de água para essa escrita. imprimi, peguei tesoura e, com minha filha de 10 anos, fizemos poemas dadá: chacoalhamos as palavras e ela dizia para aqui, não vou pegar mais nenhuma, vai estragar. passamos uma tarde de outono de céu escampado gostosa no jardim. acabei fazendo o embaralhamento das palavras no programa do computador, redesenhando as águas e as areias. sobrepus camadas e me delicieei nos encontros fortuitos. não ressaltei todos os que ocorreram. entrei no movimento da paisagem das palavras para pegar elas de volta para mim.



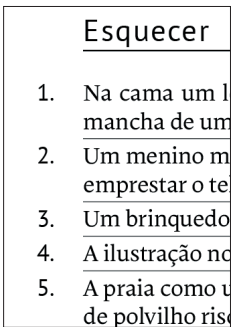
Elenize Dezgeniski  
**Pode palavra**

É uma experiência de recolher das palavras seus colapsos. Desejo de tocar nas letras partidas e perceber seus rumores pelo corpo. Sentir onde elas nascem, perdê-las, desencontrá-las, endereçá-las. Como cartas que retornam ao remetente, postais de viagens pelos labirintos das rugosidades da língua.



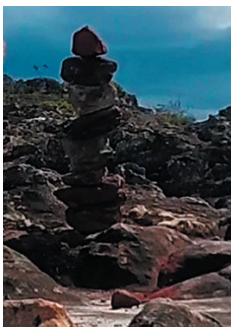
Gabriel Bonfim  
**o quarto do fim do mundo**

Como representar meu espaço? Como compartilhá-lo? Como ocupá-lo? Como reocupá-lo? Como me sentir representado por ele? Que espaço é esse que me representa e por que compartilhá-lo? Para mim a resposta para todas essas perguntas é: escrevendo. E eu sou um artista-que-escreve. Fabio Morais tem a "Escritexpográfica", Hélio Oiticica tem os escritos babilônicos, e eu tenho a escrita-espaço, escrita-manobra, escrita-liberdade, escrita-manobras-para-espaços-libertários! E esse é o meu quarto do fim do mundo, aproveite.



Luanda Olívia  
**índice**

O índice de um livro inexistente é a moldura ficcional das passagens narradas: detalhes de lembranças cuja qualidade fragmentária gera vetores para muitas narrativas possíveis.



Luiza Reginatto  
**um pai é uma pedra**

'Um pai é uma pedra' consiste em uma fotoperformance na qual vou até um local em uma montanha e, a partir das pedras encontradas ali, tento empilhar o máximo possível delas até que o equilíbrio seja impossível e a pilha se desfaça e então retomo o processo até a exaustão de meu corpo sob o sol do meio-dia.

**De:**  
**Enviada:**  
**Para:**  
**Assunto:**

Marcio Junqueira (feat: Rafael RG)  
**(sem título)**

esse texto é uma performance  
de marcio junqueira  
performando rafael rg  
ou o contrário



Odete Calderan  
**buquê (para Bellatin)**

instrução para ritual de purificação  
rosa amarela.  
alfazema.  
manjerição.  
hortelã.  
alecrim.

Macerar um punhado de ervas e flores em água fria, coar, guardar na geladeira,  
borrifar na casa ao longo das manhãs, durante uma semana.

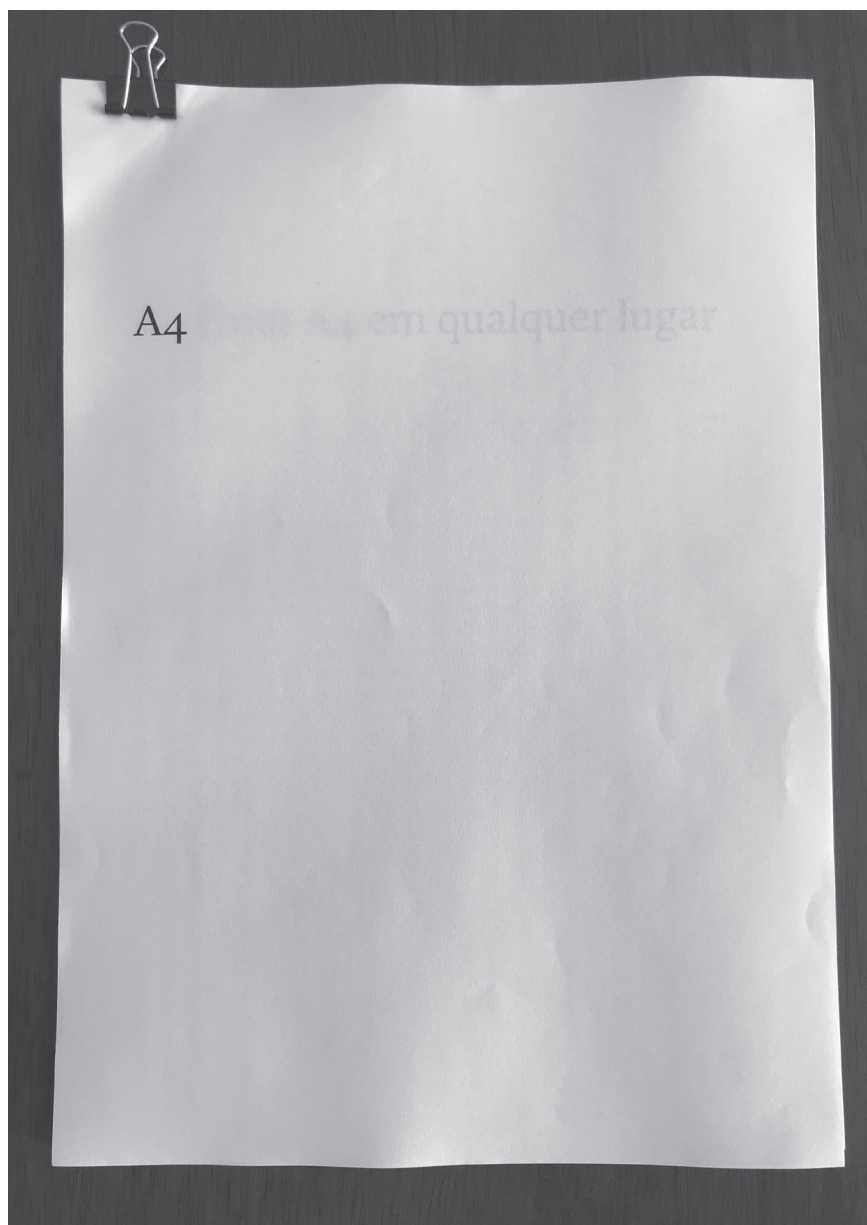
<b>IM</b>		
-----		
PERM	PREV	POTE

Patricia Peruzzo  
**Prefixo**

Os morfemas se juntam às palavras a fim de formar  
novas palavras. Neste caso, incluimo-os antes do radical,  
como um prefixo. Com o indicativo de negação os  
prefixos "IM" e "IN" expressam a ideia de antítese,  
de uma situação de opostos, de dualidade.



A4 foi realizada nos meses de maio e junho de 2021 no seminário espaços impressos ministrado por regina melim, no programa de pós-graduação em artes visuais, ceart, udsc, ilha de santa catarina.



Pra você que não abre mão de versão impressa, há uma versão disponível pra imprimir em casa mesmo ou na lanhouse do bairro. o formato é sempre A4, mas o tipo do papel fica a escolha da leitora – afinal um A4 é um A4 em qualquer lugar; o impresso vc vê pegando e o da tela a pegada é só vendo mesmo. Ou se suja, ou espalha prazamiga.

O design desta edição foi feito por Tina Merz. São duas as tipografias utilizadas, a Lygia serifada e PT Sans/Serif. São 13 artistas. Joga no bicho ou na baba antropofágica que dá 13; e dá sorte. Saravá! Um cheiro (de louro e alcachofra: hepatoprotetores),

A4